

O PRECARIADO E AS MOBILIZAÇÕES DE MASSA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

THE PRECARIAT AND THE MASS MOBILIZATIONS IN CONTEMPORARY WORLD

BRAGA, RUY. A PULSÃO PLEBEIA: TRABALHO, PRECARIIDADE E REBELIÕES SOCIAIS.
SÃO PAULO, ALAMEDA, 2015. 232p.

POR

WIBBSON RIBEIRO LOPES¹

A sociologia pode assumir uma posição próxima ao calor das mobilizações e transformações sociais sem abrir mão do rigor analítico e da pesquisa. Uma sociologia quente, ligada às lutas sociais, é o que propõe a obra *A Pulsão plebeia*, conectando-se a disputas que estão certamente entre as mais tensas e acirradas do mundo contemporâneo, fornecendo hipóteses para pensar os rumos da globalização, das transformações na ordem do capital e a situação das democracias e dos trabalhadores da América Latina ao continente africano.

O livro é uma coleção de artigos publicados por Ruy Braga entre 2011 e 2014, a maior parte deles em sua coluna no site da Editora Boitempo, mas há também artigos mais longos, inclusive em parceria com outros autores, como Ricardo Antunes e Ana Luísa Figueiredo, além de algumas entrevistas.

1 Mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Brasil. Email: wibbson@gmail.com

Dividido em quatro partes, “A pulsão plebeia” funciona como um conjunto de reflexões sobre o trabalho no capitalismo contemporâneo, as distintas conjunturas políticas, o capitalismo e os conceitos sociológicos que vem suscitando debates acirrados. Destacam-se nos artigos eventos como Junho e as lutas da juventude europeia, bem como a discussão crítica do conceito de precariado e comentários sobre eventos da política contemporânea, tudo isso lastreado em uma visão internacionalista e marxista que complementa discussões presentes em obras anteriores do autor, como “A política do precariado”, “Infoproletários”, dentre outras.

A primeira parte, “Indignação”, abre com uma análise da situação de Portugal após a crise econômica e as políticas de austeridade implementadas pela Troika. Ruy Braga aponta como a financeirização da economia visa colocar Portugal em uma situação ainda mais subalterna na divisão do trabalho, na condição de uma plataforma exportadora de bens não duráveis. Desse modo, aprofunda-se a situação de calamidade para as classes subalternas, em especial a juventude que, não por acaso, é o setor social predominante nas manifestações de resistência. É então que entra em cena o debate sobre o precariado, conceito que é debatido aqui a partir das definições dadas pelo sociólogo Guy Standing, largamente inspiradas nas reflexões de Karl Polanyi. Na definição de Braga (2015,p.23-4), “Vivemos sob a sombra do ‘precariado’, isto é, um grupo de pessoas despojadas de garantias trabalhistas, submetidas a rendimentos incertos e carentes de uma identidade coletiva enraizada no mundo do trabalho.”

Ruy não concorda com a afirmação de Standing de que o precariado se constituiria como uma nova classe social, pensa que esta seria na verdade expressão de um fenômeno de precarização da força de trabalho nos anos recentes de globalização. O precariado seria parte da condição da nova classe trabalhadora, com cada vez menos direitos, mais insegura e mais explorada, mas cuja participação nos novos

processos de luta seria condição decisiva para os próximos passos rumo à uma alternativa política dos subalternos e a vitória destes movimentos. Discorda também o autor brasileiro da proposta de que o precariado deveria se engajar na defesa de uma renda básica universal como pauta prioritária, bem como da análise de que os novos jovens trabalhadores seriam “ressentidos” que, incapazes de se organizar sindicalmente, veriam as lideranças operárias como privilegiadas e por isso constituiriam outras formas de luta. Comparando a situação europeia com a brasileira, na qual o Programa Bolsa Família (PBF) desempenhou recentemente um papel importante tanto no debate público quanto em uma relativa diminuição nos índices concernentes à extrema pobreza no país, Ruy Braga argumenta o quão limitada seria a defesa dos movimentos sociais se circunscrita apenas à luta por renda universal.

Cruzando então discussões sobre a África do Sul pós-apartheid, sobre a Europa em crise e outros temas da conjuntura global, entramos na segunda parte, “Inquietação”. Começando por uma reflexão sobre o peso eleitoral de Celso Russomano, candidato ligado a setores evangélicos que disputou as eleições municipais de São Paulo e foi derrotado por Fernando Haddad (PT) em 2012, é levantada a hipótese de que esta candidatura seria um indicador da insatisfação social para com a fórmula de desenvolvimento aplicada pelos últimos anos de governo federal petista. Outros índices de descontentamento estariam na situação das chamadas “novas classes médias”, que, conforme acompanha-se da discussão apontada por Márcio Pochmann, seria na verdade composta por setores da classe trabalhadora com acesso a novos níveis de consumo após as políticas de incentivo do governo. Além disso, fatores como a situação das trabalhadoras domésticas, dentre outros elementos provenientes do mundo do trabalho são pensados para mostrar o quanto a situação de

indignação dos trabalhadores tem avançado no Brasil, em patamares cada vez mais perceptíveis.

No terceiro bloco de textos, “Indignação”, são apresentados os fatores de descontentamento das classes subalternas e passa-se a análise dos grandes protestos e mobilizações. Apontando um cenário de mundialização de lutas sociais, chegamos ao coração do livro de Ruy Braga, o evento de Junho de 2013, cuja explosão é justificada por este e Ricardo Antunes como uma combinação entre um período prolongado de estagnação dos movimentos sociais no Brasil, represados durante anos, e no plano externo pelo cenário de mobilizações em escala planetária que sucedeu a crise financeira de Wall Street em 2008 e afetou a condição de vida da classe trabalhadora globalmente.

Estas manifestações teriam a característica de utilizarem da ocupação de espaços urbanos como praças, ruas, grandes avenidas e centros de circulação urbana, levantando ainda bandeiras que representariam um descontentamento com as formas de representatividade, seja ela através da democracia formal ou através de governos populistas e/ou ditatoriais, como é o caso da primavera árabe.

No caso brasileiro, tal evento explode em um cenário no qual os anos de governo federal petista geraram mais empregos, mas 94% deles dentro da faixa de 1,5 salários mínimos, em um cenário de manutenção de uma ortodoxia neoliberal no BC e o pagamento sistemático da dívida pública. Somando-se a isso estaria a cooptação dos movimentos sociais e os programas assistencialistas como o já mencionado PBF, que tiveram impacto real nas camadas mais pobres. Junho, portanto, não foi uma manifestação apenas por melhorias nos transportes públicos, mas a explosão de uma onda de indignação social envolvendo a luta por direitos como saúde e educação pública, enfrentando-se com um parlamento e um sistema político que mostra-

se para estes manifestantes indignados como incapaz de atender seus anseios. Parte do diferencial na análise apresentada pelos autores está na sensibilidade para perceber as movimentações operárias que ocorreram no ano de 2011, precedendo em dois anos Junho. Parte de um mesmo sentimento presente na população, as obras paralisadas em Belo Monte, Jirau e outros setores representou, ao adentrar o ano de 2012 um recorde histórico em paralisações braços cruzados em greve por todo o país. De acordo com Braga (2015, p. 121), “Segundo dados atualizados do Dieese, o número de horas paradas em 2012 foi 75% superior ao de 2011, alcançando um pico histórico inferior apenas aos anos de 1989 e 1990.”

Como último elemento a ser acrescentado à explosão de Junho está a repressão da PM, e a desconfiança que a população sente por esta instituição que é um resquício do regime militar.

A última parte, estilhaços, discute fenômenos políticos como os rolezinhos nos shopping paulistas, protagonizados pela juventude precarizada; as greves nos setores terciários e nas empresas privadas, destacando-se aí o setor de telemarketing, dentre outros elementos. O livro conclui com reflexões sobre as eleições de 2014, as primeiras depois da explosão popular de 2013, sugerindo que as reivindicações e descontentamentos foram varridos para debaixo do tapete ao longo da campanha eleitoral.

O livro oferece um bom retrato da situação política e organizativa da classe trabalhadora, apesar de fragmentado. Partindo do Brasil e tendo como coração das reflexões os grandes protestos de Junho, o livro conecta-se à luta de classes global e serve como um bom aporte para reflexões sobre o precariado e a luta dos subalternos. Apesar de por vezes repetir-se e não aprofundar muitas das análises propostas, devido ao caráter jornalístico e superficial de muitos capítulos, que eram originalmente publicações do blog do autor, a obra oferece bons apontamentos para pensar Junho, articulando os

novos movimentos sociais urbanos com a questão sindical no Brasil e no Mundo